

JORNAL: \_\_\_\_\_ LOCAL: RIO DE JANEIRO

DATA: 24 / 4 / 1969 AUTOR: JACOB KLINTOWITZ

TÍTULO: A ENVOLVENTE REALIDADE DE SERPA

ASSUNTO: \_\_\_\_\_

RIO DE JANEIRO, 24 DE ABRIL DE 1969

*duplicata*



## Arte

JACOB  
KLINTOWITZ

Visão parcial da arca no momento em que era  
"visitada" por um espectador

# A envolvente realidade de Serpa

Arcas e mobiliários coloniais brasileiros modificados para oferecer uma nova e envolvente realidade ao homem contemporâneo é a última atitude do artista Ivan Serpa que ao longo de sua vida profissional tem estado entre os artistas brasileiros mais sensíveis às mudanças e novas aberturas contemporâneas.

Ivan que tem se destacado como um dos mais atuantes artistas brasileiros desenvolve mais um caminho no seu trabalho e, sem dúvida, estamos perante o que de melhor já foi feito pelo artista. Ivan assume a sua função de transformador de mundo e, usando de sua longa e acumulada experiência, transforma arcas compradas aos antiquários, em verdadeiras arcas de tesouro de sensibilidade e percepções.

Partindo do seu conhecido desenho do anóbio, ou cupim, que com seus caminhos e atividades representou um tema longamente explorado por Serpa, as formas tomaram relevos e se transformaram em peças de um delicado mecanismo onde o relêvo e a sensibilidade cromática adquirem inesperados valores.

São formas recortadas dentro de certa medida, composta em intrincados desenhos e painéis, integradas com espelhos colocados em ângulos estudados para refletirem realidades múltiplas, compondo o pequeno mundo de

dentro de uma arca, onde o espectador termina por integrar-se, numa mistura de horror e felicidade.

A primeira das arcas realizadas constitui-se de 128 peças individuais que compõe a sinfonia de relevos idealizados por Serpa. Os espelhos multiplicam essas formas ao ponto de levá-las à um não limite e acrescentam ainda um elemento inesperado: a figura do espectador.

Ivan Serpa está preparando o mobiliário brasileiro completo, compondo-se êsse de arcas, oratórios, cama, cômoda etc. Todo êle é pensado e realizado a partir da impressão a causar no espectador e permanecendo fiel aos princípios do artista. Dessa maneira o cupim volta a ter vida, noutra dimensão, noutra realidade e com mais participantes.

As formas são realizadas em branco, oferecendo apenas os valores cromáticos das sombras e das nuances estabelecidas pela luz. À medida que a luz se modifica, que o dia passa, modifica também os valores estabelecidos pelos relevos.

Dentro de seu trabalho Ivan torna-se escultor e artista ambiental, ou seria melhor dizer que consegue integrar as várias faces de sua

versatilidade, incluindo dessa vez a participação do espectador num clima de encantamento e esteticismo.

Porque deve ser dito que Ivan criando essa arte ambiental não abandonou os princípios que sempre nortearam a sua atividade criadora, permanecendo fiel a êles e ao seu conceito de arte, tantas vezes expresso publicamente.

Não crê que a arte tenha terminado, que todo trabalho seja inútil ou que não há mais sentido nisso e naquilo. Mostra o que já fez, desenho por desenho e as suas atuais experiências dentro da litografia, e os seus planos de uma grande retrospectiva no MAM.

O que acontece é que Ivan Serpa ao invés de simplesmente achar que algumas categorias artísticas terminaram, acrescenta a sua contribuição ao processo de desenvolvimento da arte brasileira, buscando no seu próprio desenho e nas suas antigas concepções e formas, a motivação atual.

Essa grande renovação de Ivan, representada pelo atual trabalho e criação, não representa de forma alguma a negação de suas anteriores posições e atividades, mas a sua mais clara afirmação. Uma afirmação dialética.